

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
2022
Matéria
FALA COISA

Veículo
Seção
Autor

O Globo
Segundo caderno
Nelson Gobbi

6 | Segundo Caderno

Quarta-feira 21.9.2022 | O GLOBO

SEC. Joaquim Ferreira dos Santos, TER. Leo Azeite, QUA. Ana Paula Lisboa (quonana), MAR. Martha Batista (quonana), QUI. Cora Rinal, LUI. Fernando Versiani, SEX. Ruth de Aquino, Nelson Motta, SÁB. José Eduardo Aguiar, DOM. Caci Diegues



ANA PAULA LISBOA
segundocaderno@oglobo.com.br

DESENCANTO

Tudo dia eu acordo com toda a esperança do mundo, pronta para viver o novo e tudo que ainda não aconteceu ainda, que pode acontecer a qualquer momento. Ao meio do dia eu tenho vontade de jogar tudo para o alto e ir viver das coisas que a Natureza dá. Depois lembro que a Natureza sou eu mesma e a parte da Natureza que não sou eu está quase em extinção. Quase todo dia eu tenho a esperança de um apocalipse. Depois lembro que ele já aconteceu e pouco mudou.

O professor Luiz Antônio Simas já deu a máxima: "O contrário da vida não é a morte e sim o desencantamento." Eu fui uma das que leram recentemente sobre a "desistência silenciosa". Não se propõe a estar mentalmente esgotado, não trabalhar além do necessário sem receber por isso, não fazer mais que o que lhe foi atribuído. Abandonar a ideia de ir além, de trabalhar enquanto eles dormem, não se estressar, fazer o mínimo. Faz todo sentido que o conceito tenha "nascido" e tenha sido con-

ceituado por um usuário do TikTok fazendo um vídeo no metrô de Nova York. Dá pra levantar (como já foi levantado) inúmeros debates, principalmente quando se trata do mundo do trabalho, do capitalismo, das atuais leis trabalhistas no Brasil e no mundo, em quem tem a possibilidade de fazer o mínimo. Mas eu fiquei pensando que, resumidamente, o "quiet quitting" é um grande desencantamento. Imagina então se desencantar com um país inteiro, com milhões de pessoas, belezas naturais e sobrenaturais que enchem os olhos e o peito. Imagina? Eu sei a sensação. Eu tive que assumir esses dias que minha saída do Brasil foi por um grande desencantamento, um grande pesar, um vazio enorme, uma vontade de correr para as montanhas. Assumi porque vi nos olhos dos angolanos o mesmo vazio nas últimas semanas. Um desencanto,

um desacreditar, uma desistência que quer gritar, mas silencia porque nem todo mundo tem o direito de abrir a boca. A política é também o lugar do sonho, também pode encantar as pessoas. A cada dois, quatro ou cinco anos, dependendo, é o momento de juntar esperança para vencer o medo, o momento da possibilidade, da mudança, de se fazer importante. Mas como albrar a vida diante da política do desencanto, do medo, da estagnação? Pergunto não só para os angolanos, pergunto para os brasileiros, pergunto a mim mesma inclusive. Há respostas no presente e também tento pensar em quem já fez isto antes de nós, porque "as pessoas que estão tentando fazer deste mundo pior não tiram um dia de folga", são realmente imbrocháveis. Gingo entre a resistência e a desistência. Vou ao show do Péricles e do Paulo Flores, celebro que o militante angolano Zola está livre; volto a ler Machado de Assis, sorrio ao ver Viola Davis abraçada a Leandro Santana; danço com Vinícius Júnior; colaboro no financiamento coletivo do novo disco da Anelis Assumpção, tomo banho de mar, viajo para votar.

OBJETOS RECRIADOS POR PARCEIROS DE LONGA DATA

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Entre 1996 e 1999, quando morou no Rio, o americano Josh Callaghan conviveu com a cena artística da geração 80/90 na cidade — e nomes como Barrão, Raul Mourão, Ernesto Neto, Marcos Chaves e José Damasceno, conta ele, teriam influência em sua produção nos anos seguintes. De volta a Los Angeles, o escultor passou a ter um contato mais esporádico com os colegas brasileiros, em eventos e feiras de arte nos EUA, ficando 19 anos longe do Brasil. O reencontro nasceu de uma ideia de Raul Mourão de uma exposição conjunta entre Callaghan e Barrão, que começou a ser debatida pouco antes da pandemia. Muitas conversas por vídeo — chamada depois, o projeto ganhou forma há cerca de um ano, destacando suas especificidades na escultura e também seus pontos de contato, como as assemblages de configuração orgânica e a ressignificação de objetos do cotidiano. Em cartaz até 29 de outubro na Carpintaria, no Jardim Botânico, Zona Sul do Rio, a mostra "Fala coisa" apresenta 17 obras produzidas recentemente pela dupla, com curadoria de Mourão. — Na época em que morei no Rio não estava expondo, e quando voltei para os EUA comecei a fazer trabalhos em parte inspirados nestes artistas que vi no Brasil fazendo coisas incríveis com poucos recursos — comenta Callaghan. — Foi muito bom este reencontro. Nossas obras integram de uma maneira interessante, têm um toque de humor, uma sensação de caos na criação.

NATUREZA INVENTADA
Para a exposição, Callaghan criou trabalhos que vão da junção de raízes naturais e tripés de câmera ("Brazil to's dream") a uma estrutura de geladeira entalhada chamada "Sculpture against hunger" ("Escultura contra a fome"). Barrão produziu obras que amalgamam diferentes objetos de louça, uma das facetas mais conhecidas



Várias mãos. Barrão e Josh Callaghan na Carpintaria, com algumas de suas obras em cartaz na mostra: objetos ressignificados

EM CARTAZ EM GALERIA NO RIO, EXPOSIÇÃO 'FALA COISA' REÚNE 17 ESCULTURAS RECENTES DO CARIÓCA BARRÃO E DO AMERICANO JOSH CALLAGHAN, COM CURADORIA DE RAUL MOURÃO

de seu trabalho, como "Confusão e deixa disso", "Seleção natural" e "Joshua Tree", uma bem-humorada citação que faz referência ao nome do colega de mostra. — Fomos conversando os três durante meses e esses pontos em comum vinham à tona, sem um planejamento prévio. Quando o Josh apontou esse caminho de

uso de galhos e árvores, uma natureza meio inventada, peguei alguns potes, louças e canecos que tinha em forma de troncos para fazer uma obra — lembra Barrão.

destaca a artesanaria na forma de produção como outro elemento a conectar as obras. — São trabalhos feitos à mão, uma produção que a gente se envolve totalmente no ateliê. Isso e a questão de tirar os objetos do dia a dia do lugar deles, sem dar diretamente ao espectador um entendimento exato do que é cada obra — observa Callaghan. — O público é que vai buscar o sentido dos trabalhos.

COMPANHIA NO ATELÊ
Proposto por Mourão, o título da mostra, "Fala coisa", destaca justamente a criação da dupla a partir de objetos preexistentes, reconfigurados ao perderem sua função original. — Não sou curador, não pensei na exposição a partir de uma teoria da arte unindo os dois. Sou um amigo e acompanho com entusiasmo as obras dos dois, e daí nasceu essa conexão estética e afetiva. O título vem dessa sensação de ver objetos recriados em uma escultura ganhando vida, quase virando um ser que fala. Ai tem a relação com o "Parla!", do Michelangelo ao Moisés, de forma mais informal — explica Mourão. — Além do texto curatorial, fiz um vídeo com quatro músicas do Chelpe, uma videocolagem afetivo-biográfica, que dá até a entender melhor o que é a exposição. Para Barrão, além de Mourão ser um amigo, o fato de também trabalhar com esculturas foi um facilitador para o desenvolvimento da exposição: — Para além da amizade, é muito bom ter como curador um artista que entende o processo mais profundamente. Durante o período, nos encontramos quase que semanalmente para falar das obras. O que foi ótimo, porque o ateliê muitas vezes é solitário, é bom ter com quem trocar.

Onde: Carpintaria. Rua Jardim Botânico 971 (3875-5554). Quando: Ter a sex, das 10h às 19h. Sáb, das 10h às 18h. Até 29 de outubro. Quanto: Grátis. Classificação: Livre.